



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Programa de Pós-Graduação em
FORMAÇÃO DE PROFESSORES



A CULTURA DO **FUNK** NO ESPAÇO ESCOLAR

ANÁLISE DAS APOLOGIAS DE GÊNERO
EM SALA DE AULA

THATIANE OLIVEIRA DO NASCIMENTO

ROBÉRIA NÁDIA ARAÚJO NASCIMENTO
(ORIENTADORA)



É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244c Nascimento, Thatiane Oliveira do.

A cultura do funk no espaço escolar [manuscrito]: análise das apologias de gênero em sala de aula / Thatiane Oliveira do Nascimento. – 2021.

282 p.: il. colorido.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Profissional em Formação de Professores) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2021.

”Orientação: Profa. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento, Departamento de Comunicação Social-CCSA.”

1. Educação intercultural. 2. Cultura do funk. 3. Gênero. I. Título

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AO SOM DO BATIDÃO: QUESTÕES DE GÊNERO EM DEBATE



INTRODUÇÃO

Para além da discussão dos condicionamentos de gênero, a busca pela igualdade entre as pessoas é uma prerrogativa que deve estar intrínseca às práticas educativas, sejam elas realizadas nos espaços formais ou informais. No que concerne à instituição escolar, que consideramos como espaço formal de ensino-aprendizagem, torna-se oportuno promover uma formação pautada nos princípios da igualdade de gênero, pois as diferenças estabelecidas entre meninos/meninas justificadas por critérios de ordem biológica contribuem para consolidar práticas sexistas que se iniciam na sala de aula e se expandem para as relações sociais.

Diante dessa constatação, é preciso repensar o fazer pedagógico a fim de ser imprescindível formar pessoas para a compreensão da igualdade de direitos. Louro (2014) reforça a importância e a necessidade de as instituições escolares promoverem a ruptura da diferenciação entre atividades para meninos e meninas. A autora defende que a educação escolar precisa romper com os paradigmas sociais enraizados pelo patriarcado, nos quais os comportamentos são tidos como inerentes às pessoas, atrelados ao sexo biológico, como se a natureza fosse responsável pela divisão social e os preconceitos daí advindos.

Bourdieu (2020) define a herança do patriarcado como violência simbólica vivenciada na esfera social, na qual as pessoas tornam-se reféns de distinções comportamentais construídas no arcabouço de cada sociedade. Especificamente no caso do feminino e do masculino, os padrões aceitos aprisionam as mulheres a violências simbólicas que podem se ampliar para a violência física, resultando nos feminicídios noticiados no cotidiano cultural.

Deste modo, abordar a temática de gênero no campo escolar, especificamente nos anos iniciais do ensino fundamental, corrobora para possibilitar a crianças e adolescentes a reflexão em torno dos estereótipos e preconceitos, debatendo-se a discriminação e contribuindo para analisar seus impactos na cultura. Isso implica desenvolver estratégias pedagógicas que discutam a padronização exigida para os papéis de meninos e meninas; discussão urgente que motiva e inspira a concepção da sequência didática proposta nesta pesquisa com fins de Produto Educacional.

Louro (2019) reforça que a construção sociocultural promove os marcadores de gênero sobre os corpos. Não existe inerência ao sexo dos sujeitos, uma vez que as



delimitações surgem na mais tenra infância, nomeando e apresentando o que se mostra aceitável para os corpos de acordo com os valores impostos por cada cultura. Diante dessas prerrogativas nascem as relações de poder, na medida em que a hierarquização materializada através dos marcadores sociais nos corpos tipifica as identidades classificando-as como subalternas e periféricas. Tal processo precisa ser percebido e estudado na escola.

Os parâmetros curriculares nacionais (PCN) elencam compreensões sobre as pessoas e suas subjetividades, que devem permear o fazer pedagógico das escolas. Pensar e fazer educação para a igualdade implica o pressuposto de garantir práticas educativas emancipatórias, na qual os outros e todos sejam nomeados e validados na esfera educacional, desenvolvendo-se, assim, uma ruptura com a cultura que segrega e exclui as pessoas.

Dessa forma, os desafios para as instituições de ensino tornam-se direcionados para garantir práticas que tenham como objetivos construir saberes que venham possibilitar a liberdade das identidades entre as pessoas. Assim, romper com paradigmas excludentes ou reducionistas deve ser proposta da base de uma formação escolar interligada aos objetivos das práticas educativas promovidas pelos/as professores/as.

Libâneo (2013) ressalta que a escolarização está imbricada no processo de transformação social, no preparo para a cidadania, concernindo à prática docente a ação/reflexão diante das perguntas: o que ensinar? Para quem ensinar? Promovendo a sistematização do conhecimento que deve ser construído para garantir uma escolarização que preconize atender a necessidade de uma sociedade na qual a igualdade de direito contemple as diversidades das identidades de gênero que estão presentes na escola e por vezes são negadas no currículo escolar.

Diante desse entendimento, Zabala (1998) apresenta a necessidade de as práticas educativas serem pensadas de forma sistematizada, com clareza, e objetivos que considerem o ato de ensinar dividido em: conteúdos factuais, procedimentais e atitudinais. Para tanto, o autor apresenta a necessidade de nortear a prática educativa através das sequências de ensino, de aprendizagem ou didática.

A presente proposta adota a nomeação de “sequência didática” (SD) fundamentando-se na explanação do autor referido, que argumenta que tais instrumentos do ensino-aprendizagem são compostos por “unidades didáticas” com





objetivos estabelecidos, específicos para cada momento necessário ao aprender, de modo a alcançar as finalidades educativas pretendidas.

Assim, para alcançarmos o objetivo geral da pesquisa, elaboramos uma SD que visa desenvolver aprendizagens acerca das relações de gênero na educação básica, tendo o gênero musical funk como elemento motivador para as vivências pedagógicas, por este ser um estilo presente no cotidiano social dos/as alunos/as. A finalidade é promover uma reflexão acerca das assimetrias de gênero existentes na sociedade, a partir do estudo e da reflexão das letras do funk, que tendem a disseminar a dominação masculina como prática derivada dos moldes de relações patriarcais.

De acordo com Badinter (2005), a liberdade feminina na sociedade deve-se à desconstrução do conceito de natureza, que alimentou a ideia de que os sexos dos indivíduos lhes determinavam o destino, forjando, assim, a dominação masculina na condição social do ser mulher. Nessa perspectiva, a escola precisa atentar para as faces dessa discussão: nem incentivar a dominação, investindo na vitimização feminina, e nem disseminar “a maldade natural do macho”. Mas equacionar as circunstâncias culturais que levam a essas visões de mundo e que geram as desigualdades. Nesse sentido, não há oposição entre um dominador masculino e um dominado feminino, mas questões de gênero decorrentes das práticas culturais que precisam ser refletidas em meio à heterogeneidade e pluralidade social.

Salientamos que a presente proposta é passível de adaptações de acordo com a realidade dos/as alunos/as, assim como dos profissionais docentes e da comunidade escolar. Entretanto, é válido esclarecer que compreendemos como adaptações, material de suporte pedagógico, letras musicais escolhidas, e não alteração da abordagem explícita do tema, por qualquer forma de censura em relação ao ritmo a ser adotado, em virtude algum preconceito relacionado a esse gênero musical na escola, pois entendemos a sala de aula como lugar propício para potencializar as discussões culturais necessárias para a promoção de mudanças sociais. Pensar gênero através do funk pode contribuir para tornar a sociedade mais igualitária, atendendo a prerrogativas de construção da cidadania a partir do contexto da sala de aula.

JUSTIFICATIVA

A escolha do funk como estratégia metodológica para a abordagem dessas questões no espaço escolar parte da aceitação do gênero musical, que é popular e massivo, agradando às novas gerações, o que pode explicar a imersão de crianças e adolescentes nas referências deste ritmo. O funk está na escola e fora dela. Mas as performances ultrapassam o cotidiano escolar revelando-se em gravações de vídeo nas redes sociais, sendo o *tik tok* a plataforma escolhida para compartilhamento e visualização das danças elaboradas a partir das letras e batidas envolventes. Portanto, o universo das coreografias do funk está atrelado ao universo da cultura pop que é formada por crianças, adolescentes e jovens, que curtem o estilo “pancadão”.

Diante da pesquisa realizada, constatamos que as músicas de funk escolhidas pelas crianças de inserem na categoria dos funks “proibidões”, em razão das letras polêmicas de cunho pornográfico. Todavia, escolhemos para esta prática educativa, uma letra que fosse possível explorar na escola, independentemente da idade dos/das alunas/os. Mas considerando a heterogeneidade da turma, certamente músicas com teor pornográfico podem surgir, e poderão ser apresentados pelos/as alunos/as e/ou compartilhadas com seus pares. Salientamos ainda que o estilo Brega Funk¹, que tem uma batida mais eletrônica, certamente também pode surgir diante da realidade regional dos/as alunos/as, em função dos contextos retratados nas músicas. Como a nossa intenção é promover a discussão das relações de gênero recorrentes no espaço social, a partir das mensagens transmitidas pelas letras, entendemos que isso não compromete o curso da prática educativa.

Consideramos que a apropriação das letras de funk para alcançar os objetivos propostos revela ser um direcionamento pedagógico incomum, entretanto bastante promissor, visto que se conecta aos interesses dos/as alunos/as, de maneira leve e lúdica, no sentido de que a sonoridade do funk promove uma interlocução com uma realidade que conhecem e apreciam a fim de instigar a construção de saberes. Zabala (1998) nos conduz à importância da SD como instrumento pedagógico eficiente afirmando ser necessário: “Introduzir processos de reflexão crítica para que as normas sociais de convivência integrem as próprias normas” [dos saberes educativos]

¹ “[...] O produto “Brega Funk” se distingue dos sons eletrônicos programados, presente na maioria dos Funks, como afirma um dos grandes nomes do Brega Funk, Dadá Boladão, em entrevista ao VICE (2018): “O funk é mais aquela batida seca, com teclado e um pontinho. É mais simples. O bregafunk já é mais acelerado e com mais instrumentos. É uma mistura de um monte de ritmo: tem funk, axé, misturado com brega, forró e pagode”.





(ZABALA, 1998, p. 85). Nesses termos, a SD elaborada chama atenção para as práticas sexistas do espaço social, que, por vezes, são disseminadas com naturalidade, de modo despercebido pela escola e seus integrantes, uma vez que são direcionadas para as gerações como “necessárias” para o funcionamento normativo da vida coletiva.

Deste modo, a proposta converge para uma prática educativa crítica, que busca promover o questionamento dos papéis e da norma patriarcal, possibilitando, assim, reflexões acerca do sexismo implícito nas práticas sociais, presentes também no contexto escolar. Diante das vivências propostas, os colegas docentes têm condições de conduzir uma aprendizagem, embalada pelo ritmo do funk, capaz de contribuir com uma mudança de comportamento, através do “ensino de conteúdos atitudinais” que são descritos por Zabala (1998) como “aprendizados para a convivência” em sociedade, de maneira a se tornar uma pessoa consciente de atitudes que podem questionar e se contrapor às práticas sexistas circulantes, naturalizadas.

Tais práticas sociais circunscrevem os corpos, ou seja, “constroem o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2009, p. 9). Assim, a determinação das normas de comportamentos, de acordo com a sexualização, precisa ser refletida entre meninos e meninas, para que sejam informados/as sobre as consequências desses comportamentos, que lhes são impostos desde a sua tenra infância, num processo de invisibilidade feminina que se reforça através da verbalização explícita dos indivíduos e suas posturas excludentes, ou dos simbolismos que permeiam a sociedade.

Deste modo, promover uma educação que corrobore para fomentar a criticidade é imprescindível, e essa prática precisa passar pelo crivo da realidade dos sujeitos, em sintonia com seus conhecimentos de mundo, conforme nos afirma Freire (2011), ao defender uma educação pautada nos saberes do “âmbito sociocultural”, pois o caminho para a aprendizagem a ser percorrido pelo/a professor/a e aluno/a inicia-se no contexto no qual o/a aluno/a está inserido. Assim, a proposta de SD, que tem a música funk como mola propulsora de uma prática educativa conectada com a realidade do/a aluno/o, surge como alternativa viável para discussão da temática das relações de gênero de forma intencional a depender dos objetivos de cada docente.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando um documento oficial é pensado e validado na perspectiva de negar a palavra gênero, podemos afirmar que os problemas acerca das mudanças sociais se tornam ainda maiores, afinal, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), foi aprovada, mediante a retirada da palavra gênero, por ser considerada uma concepção desnecessária pelos setores conservadores das instâncias do poder nacional, entretanto, sabemos que não existe neutralidade na educação. Conforme sugere Freire (1979), toda orientação provém de uma base ideológica, que nos conduz à reflexão se essa base é de natureza inclusiva ou excludente.

Assim, as relações de gênero e a problemática que as perpassam, considerando-se as complexidades socioculturais, tornam-se essenciais para uma prática educativa que possa ser considerada inclusiva. Louro (2014) apresenta a necessidade vigente em promover uma educação que desconstrua a compreensão patriarcal descrita por Bourdieu (2020), na ótica da dominação do *habitus* masculino, na qual os simbolismos são construídos na perspectiva de acentuação e disseminação das assimetrias de gênero. Se todo planejamento educativo é cercado pela intencionalidade docente, passando a ser a bússola orientadora da aquisição de saberes, a educação pode se contrapor às nuances sexistas e formar consciências para a equidade de gênero. Zabala (1998) nos convida a refletir e a mudar a concepção de conteúdo de aprendizagem, não devendo essa habilidade estar atrelada apenas à capacidade cognitiva, e sim, também, ao desenvolvimento da capacidade motora, afetiva, das relações interpessoais, assim como de inserção social.

Nessa perspectiva, Libâneo (2013) ressalta que a escolarização está entrelaçada ao processo de transformação social e construção da cidadania. O autor reforça, ainda, a existência de uma compreensão equivocada por boa parte dos educadores, de que o “papel da escola é apenas o de adaptar as crianças ao meio social, isto é, de ajustá-las às regras familiares, sociais e ao exercício de uma profissão” (LIBÂNEO, 2013, p. 35). Sabemos que o meio social se ampara em linguagens e práticas discriminatórias e preconceituosas, o que reforça ainda mais a necessidade de uma prática docente que proponha atividades de desconstrução de posturas conservadoras, na medida em que acenem para o conhecimento acerca dos





fatores que compõem uma sociedade mais “justa”. É preciso, então, desaprender as desigualdades e ensaiar a reflexão sobre as discriminações sexistas.

Diante dessa compreensão, pensar em um ensino através de atividades correlacionadas e direcionadas para a temática de gênero, de forma significativa e em sintonia com o cotidiano dos/as estudantes, propicia uma educação intercultural (CANDAU, 2008; 2013; 2014) e (FLEURI, 2001; 2003), através de uma sequência didática que tenha as letras musicais e as performances do funk como bases motivadoras da proposta, promovendo, assim, aprendizagens acerca dos comportamentos de gênero que são naturalizados socialmente.

Nesse sentido, Zabala (1998) propõe orientações para a prática docente, através da adoção de sequência didática, para alcançar os objetivos pretendidos na educação escolar:

As sequências podem indicar a função que tem cada uma das atividades na construção do conhecimento ou da aprendizagem de diferentes conteúdos e, portanto, avaliar a pertinência ou não de cada uma delas, a falta de outras ou a ênfase que devemos lhe atribuir (ZABALA, 1998, p. 20).

O trabalho docente passa a ser elaborado através da organização a que o autor denomina de unidade didática, que se desdobra de um conteúdo a ser abordado, mediante atividades correlatas que proporcionam o alcance do objetivo final pretendido. Para além do conhecimento docente e de suas estratégias pedagógicas, é necessário pensar, sobretudo, em como motivar a participação dos/as alunos/as de forma ativa nas ações, ocorrendo uma mediação de conhecimento entre docente e discente, que gera a construção da aprendizagem considerando os saberes prévios dos/as alunos/as em suas visões cotidianas, para que os docentes se interroguem sobre os caminhos viáveis para o conhecimento.

Por acaso o papel da escola deve ser exclusivamente seletivo e propedêutico? Ou deve cumprir outras funções? Não há dúvida de que esta é a primeira pergunta que temos que nos colocar. Quais são nossas intenções educacionais? O que pretendemos que nossos alunos consigam? (ZABALA, 1998, p. 27)

Os questionamentos supracitados nos conduzem a uma reflexão da prática educativa em suas ações intencionais, pois todos os saberes são pensados com finalidade específica. Convido você a pensar no que iriei discernir nesse momento: Não existe nenhuma ação humana desprovida de intencionalidade, toda prática tem um motivo de existência. Por exemplo, a leitura que você está realizando desse texto



é motivada por alguma razão. Ao acordar pela manhã, você já é inserido em um universo no qual os símbolos, a linguagem, as orientações da convivência social convergem para regras, nas quais você precisa atuar de determinada maneira; até o sono tem um objetivo diário definido, que é descansar para atender a uma necessidade física, e de forma implícita se capacitar para vivenciar o dia seguinte. Do mesmo modo, toda prática educativa deve estabelecer objetivos para cada ação realizada.

Entretanto, no campo educativo, Antoni Zabala afirma não existir um modelo ideal de sequência didática, e que sua elaboração perpassa os objetivos pretendidos de cada prática docente. Contudo, o autor elenca alguns direcionamentos que podem ser considerados no momento de planejar a prática educativa. Há ênfase na abordagem construtivista, na qual o discente é visto como sujeito central do processo educativo, sendo considerado seu conhecimento prévio para dotá-lo de habilidades de aprendizado relacional, na qual se inserem o sentido do conteúdo apresentado para a sua vida, o que fortalece a sua autoestima e constrói o autoconceito, corroborando, assim, para uma aprendizagem significativa.

Nesse processo, o/a docente é o mediador da aprendizagem, na medida em que conduz o/a discente por caminhos permeados de sentidos, considerando a integralidade da pessoa. São, assim, desenvolvidas as aprendizagens necessárias para a vivência em sociedade, ocorrendo um entrelaçamento de saberes que atende as perguntas de Libâneo (2013) descritas neste mesmo texto com a finalidade de motivar novos saberes entre nossos/as alunos/as.

CAMINHO METODOLÓGICO

O percurso escolhido para delinear as etapas da sequência didática perpassam a minha prática docente, e esta, norteada pelo aporte teórico de Zabala (1998), buscou romper com o ensino instrucional, mecanizado, seguindo o delinear construtivista para alcançar os objetivos de aprendizagens, na perspectiva dos conteúdos atitudinais, conforme apresento no diagrama abaixo, inspirado pela teoria do autor.



Figura 1: Construção dos conteúdos atitudinais



Fonte: Elaborado pela autora

Os conteúdos atitudinais possuem como prerrogativa de construção três pilares: a) valores, que incidem sobre compreensões éticas das ações no meio que se vive; b) *atitudes*, que perpassam o comportamento das pessoas, de acordo com os valores preestabelecidos; e c) *normas*, que compreendem os acordos em torno de um grupo ou sociedade, do que é ou não é aceito, sendo pactuado como padrões de comportamento. Consideramos que a prática educativa que não questiona as padronizações e condicionamentos sociais corroboram para visões sexistas, sendo necessárias aprendizagens em que as crianças e adolescentes analisem as ideias que carregam consigo, introduzidas no contexto familiar e social, e constantemente reforçadas pela instituição escolar nas separações do que é da ordem do masculino ou do feminino.

Ao contrário, a formação integral da pessoa que está inserida no contexto escolar requer uma abordagem que englobe a diversidade de maneiras de aprender de cada sujeito, e que incorpore a diversidade social como pressuposto de novas aprendizagens, a exemplo da utilização do funk em sala de aula. Dessa forma, a prática docente deve estar comprometida com as necessidades formativas dos/as alunos/as com base no mundo real, e partindo de seus contextos de vida, com as diversas representações que os permeiam. “O objetivo docente não pode ser a busca da “formula magistral”, mas a melhora da prática”. ZABALA (1998, p. 51).

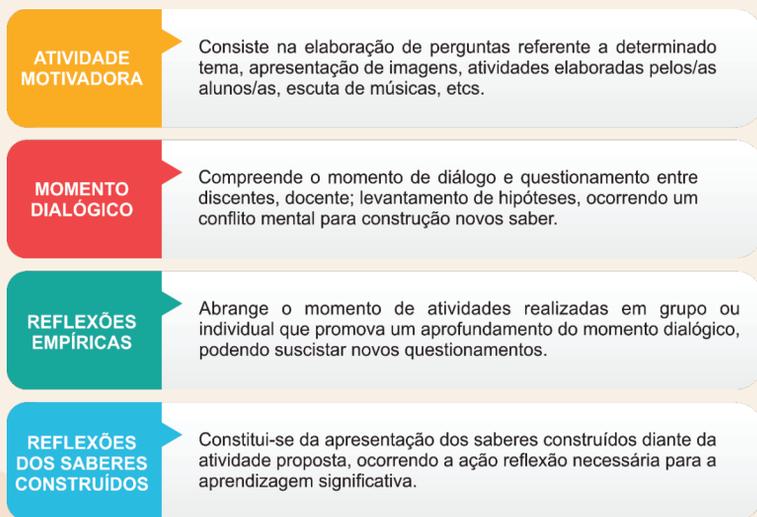
Nesses termos, a pesquisa qualitativa conduziu a vivência de uma sequência didática construída nas diretrizes do construtivismo, nas quais o tema gerador para a aprendizagem da turma foi pensado a partir do conhecimento que os/as alunos/as já possuem acerca da cultura funk, que se tornou a mola propulsora para construir os

passos da prática educativa. Freire (1979) explica a potencialidade educativa do tema gerador por estar intrinsecamente conectado à realidade das ações dos sujeitos, “[...]

o pensamento do homem sobre a realidade e a sua ação sobre esta realidade que está em sua práxis” (FREIRE, 1979, p.18). Ou seja, educar para o mundo social e com o mundo social na prática de vida coletiva que constitui a sociedade.

Promover a aprendizagem dos conteúdos atitudinais, através de temas geradores, corrobora para a construção de sentidos para os/as alunos/as na medida em que converge para o pensamento de Zabala (1998), ao descrever que esses conteúdos devem estar atrelados à necessidade e às situações reais dos alunos, aproveitando os conflitos e complexidades que nelas se apresentam, promovendo uma reflexão crítica que proporcione mudanças de atitudes, fomentando, assim, uma nova compreensão moral nos estudantes de caráter emancipatório e transformador. Assim, a sequência didática proposta está organizada em quatro unidades didáticas, que chamaremos de vivências, e estas por sua vez organizadas com atividades que reverberam pela participação dialógica dos/as alunos/alunas.

Figura 2: Sequência de ações presente nas vivências



Fonte: Elaborado pela autora



Componentes estruturais da Sequência Didática intitulada de “Ao som do pancadão: questões de gênero em debate”

A sequência didática foi elaborada pensando nas competências e habilidades de crianças do 4º e 5º ano, que compreende os anos finais do fundamental I, podendo ser adaptada de acordo com o público para o qual se destine, ou ainda se adequar a outras faixas etárias e séries escolares. As unidades didáticas que a compõem possuem atividades que podem ser realizadas no ensino presencial, híbrido e remoto. Consideramos, ainda, que os/as professores/as podem fazer adaptações de acordo com a realidade escolar na qual será vivenciada, seja ensino presencial, híbrido ou remoto, quando tomamos a circunstância da pandemia como parâmetro para determinação das finalidades a serem alcançadas. A SD que apresentaremos foi vivenciada no ensino remoto. Seguem as etapas de elaboração:

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AO SOM DO BATIDÃO: QUESTÕES DE GÊNERO EM DEBATE

A SD se constitui no produto final do presente estudo. Ressaltamos que a prática educativa pensada e descrita poderá ser aplicada nas modalidades de ensino presencial, híbrido e remoto, considerando, ainda, que os/as professores/as podem fazer adaptações de acordo com a realidade escolar na qual será vivenciada.

1. Público	Alunos/as do 4º ou 5º do Ensino Fundamental
2. Espaço	Aplicativo Whatsapp/Sala de Aula/Google Meet, entre outros aplicativos que permitam aulas síncronas e assíncronas
3. Duração de cada vivência	30 a 40 minutos

4. MATERIAL NECESSÁRIO:

Celular ou Computador, Internet, aplicativo WhatsApp, música funk previamente escolhida,

5. CONTEÚDOS

Cultura Funk e Relações de Gênero

6. OBJETIVOS

6.1 Objetivo Geral

- Discutir a problemática de gênero com crianças e adolescentes da escola municipal Ubirajara Targino Botto, de João Pessoa (PB), a partir da apropriação cultural do funk no espaço escolar com fins de possibilitar o debate das apologias sexistas que permeiam essa musicalidade.

6.2 Objetivos Específicos

- Analisar a relação gênero e educação de modo a visibilizar as questões e estigmas que afetam o feminino no contexto de sala de aula;
- Verificar a identidade feminina retratada pelos autores do gênero musical estudado;
- Promover a discussão entre meninos e meninas acerca do padrão estabelecido para o feminino e o masculino na perspectiva de convergir para a equidade de gênero.



7. DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO

A sequência didática será dividida em 4 vivências de 30 a 40 minutos cada uma. A Música selecionada, assim como as imagens propostas, busca considerar a faixa etária das crianças e adolescentes. Apesar de estarmos cientes que eles/elas escutam em sua vida social funk de cunho erótico, decidimos não apresentar, de início, letras que explorem a sexualidade de forma explícita, como acontece na maioria das composições. O funk escolhido inicialmente tem por título Oh Juliana do MC Kevin. Afirmamos que entre o gênero musical com alusões à mulher, a música tem uma letra aceitável para o contexto pedagógico, por não trazer termos pornográficos, embora tenha conotação erótica. Dessa forma, é uma música que pode ser escutada por crianças e adolescentes numa prática educativa no espaço escolar.

VIVÊNCIA: PENSANDO O SOM BATIDÃO

1º Momento – O/A professor/a certificará que os/as alunos/as estão online para iniciar a aula. Orientar que sempre que o/a professor/a realizar uma orientação, só seguirá para a próxima após todos/as expressarem suas percepções ou questionamentos.

Seguindo o/a professor/a enviará um áudio explicativo acerca da proposta da vivência do dia, que consiste em os/as alunos/as expressarem suas percepções diante dos questionamentos que serão apresentadas.

Seguindo com as orientações:

2º Momento

- **Professor/a** – Digite a primeira palavra que vem a sua mente ao ouvir a palavra **funk**. Aguardando que todos/todas expressem, lembrando que essas palavras devem ser anotadas após essa vivência para compor a nuvem de palavras inicial da sequência didática.

Nuvem de palavras criada a partir das representações que os/as alunos/as possuem ao ouvir a palavra Funk

3º Momento

- **Professor/a** – Apresenta a imagem e solicita novamente que os/as alunos/as expressem agora através de áudio o que vem à mente ao olhar para a imagem. **Abaixo.**



TV Câmara debate as crianças do funk no programa Ponto de Vista — Câmara Municipal de Campinas - Publicada em 2/06/2015 17h10.

- **Professor/a** - Pedir que os/as alunas escutem o áudio dos/as colegas para que possam socializar o pensamento que está sendo proposto por cada um, e repensar suas percepções de acordo com os olhares de seus pares.
- **Professor/a** – Após ouvir o áudio dos/as colegas você tem algo para acrescentar? Gostaria de falar algo mais?
Após cada aluno/a se expressarem novamente caso desejem, seguindo posteriormente com as reflexões
- **Professor/a** – Vocês já vivenciaram no cotidiano algo parecido ou viram em algum lugar algo similar?
- **Professor/a** – Vocês desejam fazer mais algum comentário, acerca do que foi proposto hoje? Gostariam de acrescentar algo mais? Abrindo possibilidade para outras falas. Seguindo para o encerramento da vivência.

4º Momento

- **Professor/a** – Do mesmo modo que analisaram a imagem, e falaram o que perceberam, vocês irão ouvir a música – Oh Juliana de MC Kevin, / ou outra música funk a sua escolha, e desenhar a parte que chamou mais atenção. Pode colorir. para ser apresentado na próxima vivência através de foto, e áudio explicativo informando o nome da música caso tenha escolhido outra, falando o motivo da parte desenhada ter chamado atenção.



- **Professor/a** - Encerra esse momento deixando essa atividade para que os/as alunos/as escutem a música funk de sua preferência, reflitam e tragam suas percepções na vivência seguinte.

VIVÊNCIA: REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NO BATIDÃO

1º Momento

O/A professor/a - certificará que os/as alunos/as estão online para iniciar a aula. Seguindo enviará um áudio explicativo acerca da proposta da vivência do dia, que consiste em os/as alunos/as apresentarem através de imagem a parte da música funk que eles/as escutaram e que chama mais atenção, explicando através de áudio essa percepção. Após todos/todas postarem suas imagens e respectivos áudios, solicitar que cada aluno/a escute e observe a percepção dos colegas. Diante das representações iniciar com os questionamentos.

- Como a mulher aparece nessas músicas, de que forma a ela é representada?
- Como o homem aparece nessas músicas, de que forma ele é representado?
- Existe uma divisão de papéis entre homens e mulheres? Ou os dois exercem os mesmos papéis?

2º Momento

Professor/a - Diante da percepção acerca da divisão de papéis que certamente vai surgir, seguir com as seguintes perguntas, deixando que todos/as expressem suas reflexões através de áudio ou digitação.

- Podemos afirmar que existe comportamentos apropriados para homens e mulheres dentro do funk? O que vocês pensam sobre isso?
- Essa divisão de comportamentos também é vista em outros lugares?
- Na escola existe essa divisão de comportamentos? Tipo menina pode, menino não pode? O que vocês pensam sobre isso?
- Existe brincadeira apenas para meninos e apenas para meninas?

3º Momento

O/A Professor/a - Após encerrar essas reflexões abordar as seguintes caminhando para o encerramento da vivência.

- **Professor/a** - Vou fazer perguntas agora primeiro para os meninos e depois para as meninas, vocês irão responder na próxima aula através de desenho e áudio ou digitado.
- **Professor/a** - Meninos tem alguma brincadeira que você não participou ou não participa por entender que é apenas para meninas? Meninas tem alguma brincadeira que você não participou ou não participa por saber que é apenas para meninos?
- **Professor/a** - Encerra esse momento deixando essa atividade para que os/as alunos/as reflitam e tragam suas percepções na vivência seguinte.

VIVÊNCIA: BRINQUEDO NÃO TEM GÊNERO

1º Momento

O/A professor/a – Ao se certificar da presença dos/as alunos/as online, o docente rememora a pergunta da última vivência e solicita que compartilhem as fotos dos desenhos e áudios ou digitação que expressem as respostas relacionadas. É solicitado que todos/as observem as respostas dos/as colegas. Podem ser suscitadas as seguintes perguntas diante das representações que surgirem entre os/as participantes:

- Como vocês souberam que existiam brincadeiras para meninos e para meninas?
- Quais partes do corpo você usa para participar das brincadeiras apresentadas? Existem diferenças nas partes do corpo que são usadas para brincar em meninos e meninas?
- Após essas reflexões, apresentar parte do vídeo do canal “Meu nome é LIV” da plataforma do Youtube.





2º Momento

- **Professor/a** - Diante do que refletimos até agora, podemos dizer que as maneiras de brincar também são aprendidas? O que você pensa sobre isso?
- **Professor/a** - Agora vamos pensar no funk. Podemos dizer que os comportamentos dos homens e das mulheres quando dançam também são aprendidos? O que você pensa sobre isso?

3º Momento

Professor/a – Após as reflexões, solicitar que cada criança escolha um funk que mostre um comportamento/gesto dos homens ou das mulheres que eles/elas reprovam, por perceber que desmerece a imagem da mulher, e substituam pelo que percebem que “fica melhor”. Escrevam no caderno o nome da música escolhida, e a música reescrita com novas palavras, para ser enviada através de foto na próxima vivência.

Professor/a - Encerra esse momento deixando a atividade para que os/as alunos/as reflitam e tragam as reescritas das músicas na vivência seguinte.

VIVÊNCIA: O BATIDÃO FEZ PENSAR NA CONTRA MÃO

1º Momento

O/A professor/a – Certifica-se de que os alunos/as estão online e inicia a solicitação que postem a atividade do dia anterior. Necessário deixar o aplicativo para geração da nuvem de palavras aberto, com a finalidade de ser usado ao final da vivência. Esse dia será o encerramento da sequência didática. Então, o/a professor/a, ao final, fará um fechamento, através de áudio, expondo sobre o que trabalharam e solicitando que os/as alunos/as falem sobre o que aprenderam. Após todos postarem as imagens da reescrita das músicas, seguir com as seguintes perguntas:





2º Momento

- **Professor/a** – Observem as letras que os colegas apresentam. Você mudaria mais alguma palavra em alguma música apresentada pelo/a colega?
- **Professor/a** – O que vocês pensam sobre as reflexões que aconteceram esses dias? Vocês passaram a pensar diferente acerca do comportamento de meninos e meninas?
- **Professor/a** – Você mudou de opinião sobre os comportamentos que são aceitos para meninos e meninas? O que você pensa sobre isso agora? É fundamental instigar a participação para que expressem seus pensamentos.

3º Momento

- **Professor/a** – Apresentar a nuvem de palavras que foi construída no início da vivência.
- **Professor/a** – Quais palavras acrescentariam ou mudariam após analisar o que as letras do funk apresentam?
- **Professor/a** – Diante das palavras apresentadas, criar outra nuvem de palavras, disponibilizando a imagem no grupo.
- **Professor/a** – Agradecer a participação de todos/as, solicitando que expressem três palavras que representam a prática educativa que vivenciaram. Em seguida, realizar a despedida e aguardar que todos/as também o façam, encerrando a sequência didática proposta.





MENSAGEM FINAL

Diante da necessidade de se trabalhar a igualdade de gênero no espaço escolar, a proposta didática aqui apresentada destina-se aos/às profissionais docentes em atividade na sala de aula e que podem colocar em prática as indicações e sugestões. Entretanto, as problemáticas geradas pela desigualdade de gênero exigem que todas e todos do contexto escolar tenham conhecimento dos discursos herdados da historicidade patriarcal. Assim, a construção do material didático foi norteadora para apropriação pedagógica de qualquer pessoa interessada nas relações de gênero. Portanto, o referencial teórico propõe uma reflexão crítica no sentido de possibilitar mudanças de posturas dentro e fora da escola.

Nossos agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, e a todo corpo docente;

À Orientadora da pesquisa, Dr^a Robéria Nádia Araújo Nascimento, pelas orientações e motivações diante da proposta da pesquisa;

À Secretária Municipal de Educação de João Pessoa – PB, e a EMEIEF em Tempo Integral Ubirajara Targino Botto pelo acolhimento e apoio na pesquisa;

Aos responsáveis pelos/as alunos/as que participaram da pesquisa, porque foram essenciais para o desenvolvimento da proposta;

Enfim, gratidão a todas as pessoas que contribuíram para realização da pesquisa e do produto educacional.



REFERÊNCIAS

BADINTER, Elizabeth. **Rumo equivocado**. O feminismo e alguns destinos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução Maria Helena Kuhner. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Secretários de Educação – CONSED União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – UNDIME. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Brasília: DF, 2017.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 Mar. 2021.

CANDAU, Vera Maria. Educação Intercultural: entre afirmações e desafios. *In*: MOREIRA, Antonio Flavio, CANDAU, Vera Maria. (orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. *In*: MOREIRA, Antonio Flavio, CANDAU, Vera Maria. (orgs.). **Multiculturalismo Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 10ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FLEURI, Reinaldo Mathias. Desafios à educação intercultural no Brasil. **PerCursos**, Florianópolis, v. 2, n. 0, p. 01-14, jul./set. 2001. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1490>. Acesso em: 14 jan. 2021.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 16 - 35, agosto de 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-2478200300020003&lng=en&nrm=iso>. acesso em 07 de março de 2021

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011. 60 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4.ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Tradução Ernani F. dá F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.



SOBRE AS AUTORAS



Mestra em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba – (UEPB). Pedagoga, graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia, com habilitação em Supervisão e Orientação Escolar, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Gênero e Diversidade na Escola, pela Universidade Federal da Paraíba/NIPAM. Integrante dos Grupos de Pesquisa: TECLIN – Tecnologias, Culturas e Linguagens – (PPGFP/UEPB), Comunicação, Cultura e Desenvolvimento (DECOM/UEPB). Supervisora na Rede Municipal de Ensino de Sapé – Paraíba e Professora da Educação Básica na Rede Municipal de João Pessoa – Paraíba.

ORIENTADORA Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Professora Associada do Departamento de Comunicação Social (UEPB). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB), com atuação na Linha de Pesquisa Ciências, Tecnologias e Formação Docente. Integrante dos Grupos de Pesquisa: TECLIN- Tecnologias, Culturas e Linguagens (PPGFP/UEPB), Comunicação, Cultura e Desenvolvimento e Comunicação, Memória e Cultura Popular (DECOM/UEPB), vinculados à Linha de Pesquisa Mídia e Estudos Culturais. Aglutinando esses espaços, orienta os eixos temáticos: Mídias e Educação; Estudos Culturais e Identidade Docente; Formação Docente e Práticas Pedagógicas; Educação Intercultural, Gênero e Currículo Escolar. Tem interesse por estudos de narrativas seriadas, hibridismos midiáticoreligiosos, mediações linguístico-literárias em suas possíveis convergências e implicações para os campos da educação e da comunicação.

